

O patrocínio do presidente

BRASÍLIA — O presidente José Sarney decidiu patrocinar definitivamente a candidatura do empresário Sílvio Santos no dia 15 de outubro, quando seu descanso na praia do Calhau, em São Luís, foi interrompido por uma notícia preocupante: seu filho, Zequinha, candidato ao governo do Maranhão em 1990, irrompeu no escritório com a informação de que o governador Eptácio Cafeteira havia liberado 12 deputados do seu grupo, vinculados ao PDC e ao PFL, para aderirem ao candidato Fernando Collor.

Com seu arquinimigo e ex-governador João Castelo ocupando a liderança da campanha de Collor no Maranhão, e a recente adesão do seu amigo Cafeteira, sobrou para o presidente, seus filhos e seguidores, uma desconfortável candidatura Leonel Brizola, a quem José Sarney Filho vem elogiando em pronunciamentos públicos. Enquanto instruía seu grupo a manter esta porta aberta, o presidente voltou a Brasília na noite do dia 15 já decidido a detonar a candidatura de Sílvio Santos, com tinha almoçado.

Insucessos — Ao discurso de manter um comportamento de magistrado na eleição para escolha do seu sucessor, o presidente Sarney contrapôs uma realidade de ingerência. No dia 4 de setembro, tentou pessoalmente convencer o empresário Antonio Ermírio de Moraes a aceitar a candidatura. Ermírio recusou. Tentou Jânio Quadros, sem sucesso.

Edison Lobão, senador do PFL do Maranhão, começou então a canalizar as insatisfações de vários políticos do partido que perdiam terreno para os que aderiram à primeira hora à candidatura de Collor de Mello. Nesse caso estava o senador Hugo Napoleão (PI), presidente do PFL, que procurava uma solução de sobrevivência política desde que o governador Alberto Silva, seu rival, "colloriu". Ao grupo juntou-se o senador Marcondes Gadelha (PB), também amigo do presidente da República, formando-se o quarteto com o ministro do Interior, João Alves, de Sergipe, onde as candidaturas de sucesso já estavam todas ocupadas.

Uma semana depois do almoço que reuniu o presidente Sarney e o empresário Sílvio Santos, o ministro João Alves promoveu uma reunião de toda a bancada o PFL em sua casa. Os pefelistas partidários de Collor registraram, com certa estranheza, que a reunião parecia ter sido convocada para uma "alforria de posições". Era para todos se sentirem liberados.

Em outra reunião na casa do ministro João Alves, terça-feira, dia 17, Aureliano Chaves concordou em renunciar; dia 19, acertou tudo com Sílvio Santos, e no dia 20 recuou. Inconformados, os senadores continuaram esperando a desistência de Aureliano e só se envolveram na procura de uma nova legenda para Sílvio Santos quando se convenceram de que estava ficando muito tarde.